

O compartilhamento de arquivos e sua importância para a cultura livre

Francisco Prates Junior

A Cultura Livre é hoje uma das mais importantes formas de distribuir, modificar, criar e compartilhar trabalhos, estudos, livros, obras culturais e artísticas em geral, além de ser uma forma de incentivar e ampliar a criatividade e o desenvolvimento de novos conteúdos. É necessário acabar com a cultura da permissão onde restrições e mais restrições de direitos autorais acabam sufocando toda uma cadeia de atividades criativas e inovadoras, tornando tudo apenas mercadorias e amarrando as mãos de quem quer divulgar seu trabalho. Proliferam casos de músicos que utilizaram pequenas passagens de músicas de outros mais conhecidos e que foram processados por direitos autorais; muitas dessas preciosidades foram se perdendo no ar pois só restava serem modificados ou deixar de existir, como se a música e o conhecimento não fossem uma cópia e inspiração de outras criações de outras pessoas em uma constante modificação. Com o advento da internet e a sua crescente popularização, a cultura e o conhecimento se propagam de maneira rápida e para quase todo mundo. Esse conglomerado de redes de comunicação global interligados facilitou o acesso a diversos conteúdos para pessoas que antes nunca teriam a possibilidade de fazê-lo. Inserido nesse contexto de redes, incluindo as redes sociais, o compartilhamento de arquivos e informações acaba sendo um dos principais meios de cultura livre e tem se ampliado a cada dia.

A Cultura Livre se baseia na defesa e na produção de várias formas de conteúdo livre como o software livre, o hardware livre, a música livre e o conhecimento livre. Em contraponto ao modelo de direito autoral e de copyright tradicional, o Creative Commons libertou o conceito de propriedade sobre uma obra ou conteúdo. Licenças livres flexibilizam a forma como o autor pode divulgar e vender sua obra. Compartilhar licenças, liberar sua modificação ou derivação, sua cópia, distribuição e exibição são algumas das formas pelas quais uma licença livre pode ser aplicada. Como exemplo, uma criação pode ser liberada pelo autor para ser exibida livremente, mas não modificada. Cada autor pode usar uma licença de acordo com seu gosto, estratégia ou ideologia. As licenças e patentes “fechadas” são o grande entrave para o desenvolvimento de diversas atividades, incluindo áreas como saúde e conhecimento. Para uma obra entrar em domínio público, onde esta seria livre para todos, cria-se uma série de empecilhos e, na maioria das vezes, se acaba protelando e ampliando o período de vigência do copyright, tornando o conceito de público uma farsa.

O compartilhamento de arquivos entra na Cultura Livre como sendo uma das formas mais fáceis de trocar conhecimento, cultura e lazer para todos que, de alguma forma, puderem ter acesso à internet e a meios eletrônicos de armazenamento. Um simples pen-drive pode armazenar uma quantidade enorme de textos, livros, apostilas e imagens que podem ser transferidos e compartilhados. A internet, com suas redes de compartilhamentos, presta um serviço essencial para a cultura, a arte e o conhecimento. Redes peer-to-peer(ponto-a-ponto) ou p2p são hoje uma das formas mais rápidas e seguras de trocas de arquivos de qualquer tamanho e formato. Nessas redes cada um dos pontos é um cliente e também um servidor compartilhando arquivos sem a necessidade de um servidor central. Basta as partes terem o mesmo programa para ocorrer a ligação entre os pontos. Dentro das diversas formas de compartilhamento p2p, o Torrent é sem dúvida o mais popular e o melhor. Um torrent é um arquivo dividido em pedaços e cada ponto compartilha esse pedaço com os outros pontos. Quando o usuário tiver todos os pedaços ele tem o arquivo que estava baixando por completo e continua compartilhando os pedaços com os outros pontos. Um dos principais e maiores compartilhadores Torrents do mundo é o site do The Pirate Bay. Ele é um grande centralizador de caminhos para acesso a vários computadores pelo mundo e assim a vários arquivos que vão desde documentos, livros, passando por filmes e músicas, até objetos que podem ser impressos em Impressoras 3D. O site não hospeda os arquivos, ele dá o caminho para cada pedacinho (torrent) que está com cada pessoa. Como o piratebay é uma rede aberta e qualquer um pode compartilhar qualquer conteúdo, uma grande parte dos arquivos são protegidos por direitos autorais e assim os criadores e administradores do site são perseguidos sistematicamente pela indústria norte-americana, principalmente da área de entretenimento. Mesmo pesquisas indicando que os mesmos usuários que compartilham conteúdo “pirata” são também os que mais consomem produtos protegidos e com licenças fechadas, não diminui a fúria da indústria mais poderosa e rica do mundo. O direito autoral não está protegendo o criador, inventor ou administrador da obra, está protegendo os intermediários que ficam com a maior parte do lucro e casos de músicos que perderam a obra que eles mesmos criaram para uma gravadora, editora ou distribuidora não são raros de ser ver.

O direito autoral que deveria proteger o criador, desenvolvedor ou inventor se tornou um meio de fechar o mercado e deixar na mão de poucos a informação, o conhecimento, a cultura e o lazer. E o meio acadêmico, onde o conhecimento deveria correr livre, acaba sendo diretamente afetado. Quanto um acadêmico de alguma licenciatura precisa gastar em livros e apostilas para conseguir conhecimento e informação? Esses custos elevados

não criam uma barreira entre quem tem capital e quem não tem, aumentando assim a disparidade social e cultural? Sim, mas se essas pessoas não teriam, de forma alguma, acesso a esses conteúdos e, portanto, não causam prejuízos pois seu livre acesso não mudaria a relação de consumo, por que a indústria mais rica do mundo tem tanta implicância? Esse público não se tornaria consumidor e fim. Com a popularização das redes de compartilhamento, a inclusão digital é também a inclusão social e cultural de indivíduos que não teriam a mínima possibilidade de acesso. Um simples “xerox” (cópia) de um livro acadêmico de custo elevado já é o bastante para se abrir um processo de violação de direitos autorais contra quem fez e quem comprou a cópia. As Universidades deveriam abrir seus conteúdos como forma de propagar o conhecimento da forma mais livre possível. E aí entramos no caso Aaron.

Aaron Swatz foi um programador, hacker e ativista digital norte-americano que colaborou com a especificação RSS, foi um dos fundadores do Reedit e da organização ativista Demand Progress. Aaron era jovem e com 24 anos foi preso pelas autoridades federais dos Estados Unidos por compartilhar livremente artigos distribuídos sob cobrança pela revista científica JSTOR. Foi acusado de invasão de computadores e ameaçado de pegar 35 anos de prisão. Até hoje não se tem certeza se Aaron compartilhou realmente esses arquivos, já que a acusação baseava-se no volume extenso de download de arquivos que ele realizara ao invadir um computador do Instituto de Tecnologia de Massachussets (MIT). Ou seja, não há provas de que ele compartilhou esses dados, que aliás deveriam estar abertos pois a maioria era de domínio público, só há o fato de ele ter baixado esse conteúdo. Aaron aparentemente se suicidou em janeiro de 2013, só que foi revelado após sua morte que Aaron Swatz seria um colaborador para o Wikileaks e assim levanta-se a questão que o Serviço Secreto Americano estaria envolvido em sua morte. Aaron sempre foi apoiador da cultura livre e principalmente de uma internet livre e sua colaboração ao Wikileaks não seria nenhuma surpresa.

E como pensar em cultura livre sem pensar em internet livre e jornalismo livre? Um exemplo de jornalismo livre é o Wikileaks, uma organização que publica, em sites da internet, documentos, fotos e informações confidenciais, vazadas de governos ou empresas, sobre assuntos polêmicos, muitos desses, crimes praticados por militares e governos. O anonimato é garantido para quem colaborar com o projeto. Uma grande quantidade de documentos são recebidos e analisados pelos colaboradores do Wikileaks que organizam e publicam abertamente na internet essas informações em forma de relatórios. O WikiLeaks já publicou grandes quantidades de documentos confidenciais do governo dos Estados Unidos, com forte repercussão mundial. Por exemplo, em um vídeo

UEADSL 2013.1

de 2007 um helicóptero norte-americano ataca uma região de Bagdá, matando pelo menos 12 pessoas - dentre as quais dois jornalistas da agência de notícias Reuters durante a Ocupação de Bagdá.

E como a Cultura Livre pode se propagar também fora da internet? Com eventos públicos, abertos e colaborativos que sejam propagadores e apoiadores da Cultura Livre. Estamos começando a ter diversos desses encontros de ideias pelo mundo. Especificamente aqui no RS temos o Fórum Social Temático, o Dia da Cultura Livre, o Conexões Globais e o Fórum Internacional de Software Livre. Além disso, é o berço do Fórum Social Mundial onde a Cultura Livre se propagou de forma muito forte durante todos os eventos. Com muitas oficinas, palestras, debates e apresentações sobre cultura livre, ativismo, movimentos sociais, formas de colaboratividade e compartilhamento, esses encontros acabaram sendo um ambiente de intensa troca de ideias. Cabe também citar a Casa da Cultura Digital que já possui sede em São Paulo e em Porto Alegre. Um espaço colaborativo e aberto onde seus integrantes criam, se apropriam e recriam ideias para um bem maior, o bem coletivo. Qualquer projeto de cultura digital que seja inovador pode ser apresentado e vir a ser apoiado por todos que fazem parte da rede. A Casa da Cultura Digital de Porto Alegre foi muito atuante nos últimos eventos de Cultura Livre e hoje é um espaço importante da Casa de Cultura Mario Quintana no Centro da cidade.

Não há dúvidas que o caminho para uma sociedade mais justa e igual só acontecerá com cultura e educação para todos e compartilhar conhecimento, informação, cultura e arte disponibilizada abertamente na internet é um das formas mais efetivas para universalizar esse acesso. Temos que nos perguntar que futuro queremos? Um futuro colaborativo e plural onde as pessoas podem mostrar o seu trabalho, lucrar com ele sem intermediários ou atravessadores ou um futuro sombrio onde 10 conglomerados são donos de tudo que se ouve, se lê, se vê e se consome? Um futuro onde todos tem acesso a todos os dados sobre toda a história, o conhecimento, a informação e a cultura ou um futuro onde tudo que circula nas redes passará por um pente fino censurador, uma mão pesada arrecadatória e um terrorismo praticado pelo Estado contra inofensivos Nerds para proteger a rica indústria das patentes e licenças fechadas?

Francisco Prates Junior, Porto Alegre, maio de 2013.

Bibliografia: creativecommons.org.br, thepiratebay.org, wikipedia.org, culturalivre.org.br, casadaculturadigital.com.br, tech.mit.edu.

Lawrence Lessig. Code: Version 2.0. 2006.

Lawrence Lessig. Cultura Livre: Como a Grande Mídia Usa a Tecnologia e a Lei Para Bloquear a Cultura e Controlar a Criatividade. 2004.